

o devir como avesso de colapsos no eu e na literatura: pensando com g. bataille¹

becoming as the reverse of collapse in the self and
in literature: thinking with g. bataille

rita paiva²

resumo

O escopo deste escrito consiste na problematização da indomável negatividade que, aos olhos de Georges Bataille, é constitutiva da experiência subjetiva e da experiência literária. Em sua natureza excessiva, tal negatividade pode ser compreendida como sucessão ininterrupta de colapsos. Procura assim destacar que, ultrapassando essas esferas, um processo de perda e destruição é o que pulsa no fundo de tudo o que existe, do todo material e isento de transcendências, seara que é simultaneamente geradora de formas singulares. Estas, em virtude de suas fontes, emergem impregnadas da marca ruínosa do mal. Destarte, ao abordar o assombro que o espectro do colapso exerce sobre as formas descontínuas, particularmente no mundo subjetivo e na construção literária, a discussão aponta para os devires que se instauram em simultaneidade com esses processos ruínosos, a saber, o devir das formas que afloram a partir da linguagem transtornada em seus fins e significados, bem como o devir de uma comunicação mais intensamente humana entre subjetividades desconfiguradas.

palavras-chave

excesso, ruína, linguagem, subjetividade, literatura.

abstract

This paper addresses the problematization of the indomitable negativity that, in the eyes of Georges Bataille, is part of both subjective and literary experiences. In its excessive nature, such negativity can be understood as an uninterrupted succession of collapses. Thus, the paper seeks to highlight that, going beyond these spheres, a process of loss and destruction pulsates in the depths of everything that exists, of everything material and devoid of transcendence – a field that simultaneously generates singular forms. By their sources, these forms emerge impregnated with the ruinous mark of evil. Thus, by addressing the astonishment that the specter of collapse exerts on discontinuous forms – particularly in the subjective world and in literary construction – the discussion points to the becomings that are established simultaneously with these ruinous processes – namely, the becoming of the forms that emerge from language disturbed in its ends and meanings, and the becoming of more intensely human communication between unconfigured subjectivities.

keywords

excess, ruin, language, subjectivity, literature.

¹ Este artigo é parte do resultado de pesquisa de pós doutorado desenvolvida no Departamento de Filosofia e no programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos.

² Professora de filosofia na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: rpaiva@unifesp.br.

INTRODUÇÃO

“Colapso”. Vocábulo forte que por si só põe o pensamento imaginativo em curso. Entre as inúmeras representações que essa palavra suscita, poderíamos destacar a imagem de algo que aniquila, quebra, destrói, num movimento ativo ou passivo. Houaiss remete-nos aos sinônimos: estado semelhante ao choque (...), derrocada, desmoronamento, ruína³. Para pensar as experiências que podem ser apreendidas por essas expressões, das quais se desdobram imagens de colapso, se abrem searas diversas, dentre elas, a filosofia e a literatura. A relação entre esta última e a experiência de colapso adquire uma singular configuração no pensamento filosófico – ainda que dissidente da ortodoxia tradicional – de Georges Bataille, solo em que nos situamos doravante.

Para adentrarmos esse campo, evoquemos uma singular imagem, de natureza literária, claro, mas que vem de outras searas. Tal imagem atualiza e nos dá a ver a realidade última do que somos, de nossa condição subjetiva, quando nos esquivamos de investimentos transcendentais; ao mesmo tempo, ela evidencia que as exigências do viver e do perseverar obscurecem a possibilidade de contato com esse real em nós inscrito. Fato que tem consequências bastante concretas no tipo de vida que organizamos e que garante a preservação de nossa existência. Que se pronuncie o autor desta imagem: “Como se esse coágulo que somos nós, dissolvido na miríade do movimento original, nos tornasse cegos e surdos para ver e ouvir a nós próprios; e toda a nossa fúria se aplacasse na estagnação”⁴. A imagem, pois, é a do coágulo. O coágulo é uma forma cuja solidez é flácida, uma forma gelatinosa, que se constitui no movimento informe do fluxo sanguíneo, e cuja sina é aniquilar, seja a si mesma, seja o corpo em que essa forma provisória segue seu curso. Acenando sempre para a possibilidade de colapsar, essa imagem nos remete de pronto ao modo pelo qual Bataille pensa a natureza mais íntima de tudo o que existe. Ou seja, o ser não seria mais do que um magma dilacerado, movido por uma potência contraditória, excedente e superabundante, cuja natureza é a de engendrar formas e as aniquilar. Colapsá-las, pois. Desse magma, surgimos; presos à forma que assume nossa existência, iludidos com nossa ilusória solidez, como pontua Faulkner, nos tornamos cegos e surdos, seja para o que somos, seja para o destino – devir? – incontornável que a originariedade informe nos reserva.

Em vista do aqui exposto, nosso escopo consiste, doravante, em refletir sobre a experiência do colapso, primeiramente como espectro que assedia com insistência a fantasia de um eu definido e uno. Em seguida, procuraremos vislumbrar a literatura como forma operadora do contato com uma totalidade indistinta que, ao transtornar as estabilidades, dentro e fora de nós, dá a ver devires inusitados, seja para os símbolos colapsados, seja para o eu de cada um de nós – o coágulo que se desconhece.

DO REAL IRRACIONAL E O MAL COMO FUNDAMENTO

A filosofia de Bataille, não seria escândalo afirmar, poderia ser pensada na tradição aberta por Schopenhauer, visto que toma como âncora a desconstrução dos termos e da tradição que o antecede, a qual se pauta sempre por uma apreensão positiva e inteligível do ser. Nesse sentido, assim como o filósofo alemão, também para Bataille,

³ HOUAISS, A. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009, p. 491.

⁴ FAULKNER, W. *Enquanto Agonizo*. Trad. Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Exped, 1978, p. 67. “As though the colotting which is you had dissolved into the myriad original motion, and seeing and hearing in themselves blind and deaf; fury in itself quiet with stagnation”. FAULKNER, W. *As I lay dying*. New Delhi: General Press, 2020, p. 124.

visceral leitor de Nietzsche, para além do universo que julgamos habitar, organizado e cuja estrutura coincide com a razão humana que o logra apreender, o que de fato pulsa é um universo muito mais intenso, regido por forças irracionais e por movimentos antinômicos aos critérios da lógica e de toda a sensatez, evidenciando que o real nada tem de racional. Universo desmedido e desmesurado, do qual emergem as formas existentes.

Sob esse registro, os textos do pensador francês evocam um materialismo informe ou um baixo materialismo, como ele denominará desde os anos 20, que compõe a tessitura do universo no qual a vida aflora. Nas direções abertas pela tradição helênica, a pura materialidade irrompe a partir de uma queda de princípios elevados ou imateriais e, com ela, o mal, que advém nesse decaimento. Bataille situa-nos em outra vertente; sob o seu olhar o mal será apreendido como o movimento que excede estabilidades, cria formas para as destruir; signo a um só tempo de morte e de ser. Lemos em *A literatura e o mal*: “A morte, sendo a condição da vida, o Mal, que se liga em sua essência à morte é também, de uma maneira ambígua, um fundamento do ser. O ser não é consagrado ao Mal, mas deve, e pode, não se deixar encerrar nos limites da razão”⁵. Nesse sentido, o mal, constitutivo do ser sem transcendências, é também inerente ao baixo materialismo, que o autor contrapõe ao materialismo ortodoxo, estabelecido pela tradição filosófica, sob o qual a matéria, substituindo o lugar das ideias, é elevada à condição de realidade já formalizada, plenamente passível de ser pensada e conhecida; nada há nela de negativo. Contrapondo-se a esse registro, Bataille remete-nos aos princípios gnósticos, (o “sinistro amor pelas trevas”⁶ da gnose, seu “obscuro *parti pris* por uma baixaza”⁷). Lemos em *Documents*:

é possível apresentar como um *leitmotiv* da gnose a concepção de matéria enquanto um princípio ativo dotado de existência eterna autônoma, existência que é a das trevas (que não seria ausência de luz, mas os arcontes monstruosos revelados por essa ausência), a do mal (que não seria a ausência do bem, mas uma ação criadora)⁸.

Na apropriação que efetua dessas fontes, podemos situar sua convicção acerca do insólito de toda e qualquer transcendência e a radicalidade do materialismo por ele sustentado. Ao conduzir ao horror, às formas monstruosas, à gnose, para a qual a matéria, no dizer de Vincent Teixeira, consiste “num princípio ativo irredutível, uma contradição agente”⁹, oblitera as representações idealizadas e desmaterializadas da perspectiva clássica. Nesse viés, tudo o que se configura, incluindo as representações metafísicas, consiste em materialidade derivada dos movimentos que comumente repugnam ao pensamento humano. As formas em sua generalidade trazem a marca da “imanência universal e informal”¹⁰, uma vez que provêm de processos que, se criadores, perseveram sob a égide da ruína e de princípios degradantes.

⁵ BATAILLE, G. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: L&PM, 1989, p. 27.

⁶ Idem. *Documents*. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2018, p. 159.

⁷ Acerca das religiões gnósticas, assinala Bataille que, destruídas pelo cristianismo ortodoxo, mantinham elas uma perspectiva oposta a todo idealismo: “É verdade que o objeto supremo da atividade espiritual tanto dos maniqueístas quanto dos gnósticos era constantemente o bem e a perfeição: é por isso que as concepções deles têm em si sua significação pessimista. Mas é praticamente inútil levar em conta essa aparência, e somente a turva concessão do mal pode, afinal, determinar o sentido dessas aspirações. Se abandonarmos hoje abertamente o ponto de vista idealista, assim como os gnósticos e os maniqueístas o tinham implicitamente abandonado, a atitude daqueles que viam em sua própria vida um efeito da ação criadora do mal parecerá até mesmo radicalmente otimista”. Ibidem, p. 160.

⁸ Ibidem, p. 158.

⁹ TEIXEIRA, V. *Georges Bataille, la part de l'art. La peinture du non-savoir*. Paris: Editions L'Harmattan, 1997, p. 48.

¹⁰ TEIXEIRA, V. *Georges Bataille, la part de l'art. La peinture du non-savoir*. Paris: Editions L'Harmattan, 1997, p. 48.

Logo, o baixo materialismo, antinômico às concepções que prevaleceram na história do pensamento, recusa toda transcendência ao real, cuja materialidade é, por um lado, disforme e, enquanto tal, mutação incessante que contradita a fixação das formas; por outro, irrepresentável e inapreensível para o pensamento claro. A materialidade, sob esse prisma, nada tem de representação superior ou desencarnada. Ela se constitui, antes, como movimento contínuo desmesurado, uma abundância aniquiladora, na qual tudo o que se cria tem por sina arruinar e ser arruinado. Não obstante, importa frisar, inclusive em prol das reflexões que teceremos adiante, que o informe característico dessa materialidade não equivale a um antiformalismo, e sim a uma transgressão continua das formalidades estabelecidas: “O movimento do informe é uma transgressão das formas, mais do que um antiformalismo”¹¹. Daí o mal enquanto fundamento deste real destituído de fixidez, pautado pela emergência de formas catastróficas. Como afirmará Bataille, mais tardiamente, em *A parte maldita*, a materialidade vital desconhece as lógicas de custo e benefício, seu *ethos*, aqui entendido como um modo de ser que antecede o humano, consiste no transbordamento descompensado: “a exuberância da vida na terra é principalmente o efeito de uma exuberância louca”¹². Ela “aspira de múltiplas maneiras ao impossível crescimento, liberta em proveito possível de grandes delapidações, um escoamento constante de recuso excedentários. (...) sua extrema exuberância derrama-se, num movimento sempre no limite da explosão”¹³.

Consideram alguns intérpretes que nesse postular de um baixo materialismo reside um dos pontos geniais desta filosofia, a base de uma inaudita concepção do ser; um ser às avessas: um universo heterogêneo, imanente e informe, pautado pela dinâmica da perda, da profusão e do excesso, do mal, enfim. Nele nada permanece; inversamente, nele tudo – incluindo as forças de criação – é regido pelo impulso de aniquilar numa continuidade desmedida e sem fim. Desse modo, as formas que emergem desse fundo material prosseguem umas nas outras, e a sina inequívoca de todas elas é a de colapsarem e se perderem na continuidade informe. Com efeito, sob o prisma desse pensar, o fundo do ser, em sua existência imanente e irrepresentável, constitui algo de irrepresentável, o próprio impossível. E o universo, em sua intimidade, revela-se movido por essa dinâmica violenta de continuidade inútil e de infinita perda.

INDIVÍDUO HUMANO: SOLIDÃO E ESPECTRO DE COLAPSO

Quanto a nós, seres fragmentados e individualizados, não somos mais do que sombras fugidias que afloram nesse universo imanente e disforme, destacando-nos da totalidade, sob a égide de uma trágica destinação. Os seres descontínuos que somos – cuja forma traz a marca incontornável da aniquilação futura – resultam de um esforço coletivo e hercúleo para conter a violência do informe contínuo do qual emergimos; desse esforço advém um mundo social e historicamente produzido que, não obstante sua fonte, almeja mais que tudo a perpetuidade. Decerto, Bataille não negligencia as obras que compõem a objetividade do real que compartilhamos. Não menospreza, pois, os laços que estabelecemos, a construção da subjetividade e do eu que organiza racionalmente sua vida e age no mundo, graças à força da sociabilidade que nos vincula uns aos outros, nos molda e, sem a qual, ademais, não seríamos mais do que um caos de pulsões. Esses

¹¹ Ibidem, p. 41.

¹² BATAILLE. G. *A parte maldita*. Lisboa: Fim de século. Ed. 2025, p. 71.

¹³ Ibidem, p. 71.

vínculos que situam e estruturam a vida dos indivíduos não minimizam, contudo, a distância entre as individualidades encerradas em contornos definidos. A descontinuidade que nos caracteriza e chancela nossa condição de indivíduos fragmentados nos lança num isolamento devastador. Enquanto seres individuados estamos condenados a uma separação incontornável que não será suplantada por intersubjetividade alguma. “Entre um ser e outro, há um abismo, há uma descontinuidade. Na base do mundo humano resplandece uma incomunicabilidade: (...) Esse abismo é profundo, não vejo como suprimi-lo”¹⁴. Ademais, a vida subsumida à parte clara da existência nega o movimento indômito e contínuo do qual emergimos e que em nós persevera. Com efeito, ainda que não eliminem a nostalgia da totalidade informe e primária que assedia toda consciência pensante, os esforços humanos, históricos e coletivos, ao lograrem, com a contenção da violência originária, a produção de seres individualizados, lançam-nos na ilusão de solidez de seres separados, marcados por essa solidão. E assim vivemos tal como um coágulo que se ignora, para ficarmos na imagem de Faulkner. Ignoramos que para além de seres internamente organizados somos todos constituídos por obscuridade e desordem; desconhecemos o frenesi que em nós clama pelo “mundo invertido, pelo mundo do avesso”¹⁵ pela felicidade da ruína e da perda ilimitada.

Eis o espectro do colapso que nos assedia. A experiência de vida em sua intensidade máxima que nos reintegraria ao todo só se consumaria com a superação desse isolamento, com o sentimento de reinserção na continuidade. Esse anseio manifesta-se em nós como um excesso, uma força soberana cujo impulso é o puro fluxo, o puro gasto. Ele atua como se fosse uma memória do ser original e informe em sua potência de destruição, do qual surgem os seres descontínuos que somos. Na verdade, insiste Bataille em toda sua obra, só a morte realizaria plenamente esse nosso desejo de exuberância de vida. Realização dilemática, com efeito. Com ela, descortina-se a possibilidade de superarmos a finitude, do mergulho na plenitude viva do todo informe. Experiência de alegria cujo avesso seria o colapso da individualidade isolada, a abolição de toda experiência subjetiva.

LINGUAGEM: LIMITE DA VIDA SOBERANA E CONHECIMENTO DOMESTICADO

A forma individual e descontínua que nos fornece o sentimento de uma interioridade fechada e isolada vingou porque a humanidade fez história enquanto espécie. A necessidade de impor limites e interditos¹⁶ a uma continuidade, que fundia interioridade e exterioridade e assim sobreviver, conduziu à organização das atividades coordenadas e produtivas, ao desenvolvimento do pensamento articulado logicamente, à invenção dos símbolos linguísticos que ordenam o mundo numa organização estável e produtiva. O humano pensante e falante, ao organizar suas atividades, separou-se de uma totalidade insana. Afirma Bataille em *As lágrimas de Eros*: “desde que haja trabalho há o homem”¹⁷. Um existir em dimensões homogêneas, as quais se sobrepõem à violência desmedida e excessiva da natureza no seu movimento contínuo de criação e destruição,

¹⁴ BATAILLE, G. O erotismo. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014, p. 36.

¹⁵ *Ibidem*, p. 197.

¹⁶ Os interditos chancelam a barreira à animalidade, como Bataille assevera, em momentos diversos de sua obra. Em *A Literatura e o mal*, por exemplo: “a humanidade decorre da observação de interditos, de que alguns são universais; tais são os princípios que se opõem ao incesto (...) ao assassinato, ao consumo de carne humana; em primeiro lugar, os mortos são objeto de prescrições variando segundos tempos e os lugares, aos quais ninguém deve contestar”. BATAILLE, G. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: L&PM, 1989, p. 159.

¹⁷ Idem. *As lágrimas de Eros*. Lisboa: Ed Sistema Solar, 2015, p. 23.

assim se configurou; abriu-se a possibilidade de vida social e as condições para o advento de seres humanamente constituídos, os quais perseveraram “para lá do ladrar do desejo”¹⁸. Com efeito, a constituição dos símbolos e o universo da linguagem perfazem o eixo estruturador dessa realidade que redimiu a espécie, ainda que a tenha confinado a um reino de necessidades e de contornos fixos. Nesse viés, esclarecedoras são as palavras do autor, em *Acéphale*: “A terra, enquanto engendrava apenas cataclismos, árvores, pássaros, era um universo livre: a fascinação da liberdade se enfraqueceu quando a terra produziu um ser que exige a necessidade como lei acima do universo”¹⁹. E mais tardiamente, em *A experiência interior*: “No que diz respeito aos homens, a sua existência liga-se à linguagem”²⁰. O recurso aos símbolos linguísticos viabilizará esse mundo necessário, claro e distinto. Delineando-se em concomitância com o trabalho e com uma organização da consciência racional, a instituição da realidade simbólica permite o representar e com ele o estabelecimento dos contornos que delimitam tanto as coisas fixas e separadas na realidade objetiva, quanto a própria interioridade, a consciência atualizada na imagem de um “eu” nítido e separado de tudo o que existe. Condição *sine qua non* para que a humanidade persevere, reconhece Bataille. Destarte, a organização do trabalho e a fundação do simbólico figuram como pressupostos para o mundo descontínuo, regido pela lógica das compensações e da eficácia, em que tudo é feito para durar, e no qual nossas ações eficientes e consequentes se estruturam e se exacerbam.

Tendo em vista que não há ação técnica e eficácia sem conhecimento, podemos considerar que a possibilidade de conhecer é também um derivado da invenção das formas simbólicas. Conhecer é, pois, domar para subordinar o que nos envolve e nos conecta com os propósitos de nossa natureza prática. Produz-se, assim, um saber orientado pelo uso que o eu fixado em seus contornos pode fazer dos objetos e das coisas todas que nos envolvem, sempre figuradas em formas estáveis. Muito a propósito viriam aqui os dizeres bergsonianos, a despeito do olhar ácido que Bataille sempre lançou ao filósofo da duração: “Nossa faculdade de conhecer é portanto essencialmente uma potência de extrair o que há e estabilidade e de regularidade no fluxo do real”²¹. Nessa vocação para o inerte e na incapacidade de vislumbrar singularidades e ineditismos, o protagonismo das palavras não pode ser negligenciado. Impregnadas de significações cristalizadas pelo uso e pelo consenso, elas intensificam as potencialidades do sujeito agente e cognoscente, cujas pretensões operacionais dependem sempre do controle possibilitado pelo ato cognitivo. Conhecer, escreve Bataille em seu livro póstumo, *La souveraineté*: “É sempre se esforçar, trabalhar, é sempre uma operação servil, indefinidamente retomada, indefinidamente repetida. O conhecimento nunca é soberania”²². O que assim não se explicita de pronto, mas constitui o mote do processo de conhecimento, é uma ética da servidão. Com efeito, todo o desconhecido que nos afronta será adaptado aos cânones pré-fixados das significações instituídas, veiculadas pelas palavras, que garantem a fixidez e estabilidade do universo circundante. Enuncia-se, destarte, assinala Bataille, uma moral subjacente à linguagem ordinária, a qual se traduz num furor para ocultar a vida como derivado da mutabilidade e do desequilíbrio, bem como para expulsar ou domesticar o lado obscuro, impensável e desconhecido da experiência humana²³.

¹⁸ Idem. O nascimento da arte. Lisboa: Ed. Sistema Solar, 2015, p. 41.

¹⁹ BATAILLE, G. *Acéphale*. Desterro. Cultura e Barbárie Editora, 2013, p. 3.

²⁰ Idem. *A experiência interior*. São Paulo: Ed. Ática, 1992, p. 90.

²¹ BERGSON, H. *O Pensamento movente*, São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 108.

²² BATAILLE, G. *La Souveraineté*. Paris: Nouvelles Éditions, Lignes, 2012, p. 23.

²³ BATAILLE, G. *O culpado*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017, p. 51.

Com efeito, os recursos simbólicos mantêm represadas as tendências que contraditam o desejo de durar, o projeto, e condenam ao ostracismo o desconhecido. Nessa senda, insiste o autor, as palavras, o discurso de modo geral, estão empenhados em obnubilar ou mesmo em erradicar a verdade mais íntima e longínqua que pulsa em nosso eu, a saber, o desejo de colapso: “a necessidade de se perder, (...) verdade ardente, agitada, que nada tem a ver com a substância suposta”²⁴. Afinal, subjacente a esse universo controlado, previsível e estável, isento de aventuras que nos rodeia e à representação um de um eu sólido que constituiria nossa interioridade, persevera, o fundo de violência soberana que, para além da consciência clara, viceja em nós e fora de nós. Subjacente, enfatizamos, porque não óbvio, porque desconhecido, porquanto a linguagem ao moldar a existência civilizada, logicamente organizada e a expressando torna dominante essa dimensão do existir, como se unívoca fosse; já a violência que nos constitui íntima e intrinsecamente é sempre silenciosa. No dizer do autor: “A linguagem comum se recusa à expressão da violência, à qual não concede mais que uma existência indevida e culpada”²⁵.

Sem dúvida, somos seres de linguagem, capazes de conhecer e agir no real descontínuo, mas esse modo de existir não erradica o anelo pelo excesso e pela continuidade soberana, o informe do qual surgimos e que pulsa em nosso íntimo. Bataille outra vez: “Não podemos ao mesmo tempo nos subordinar a algum resultado ulterior e ser soberanamente. Pois ser soberanamente significa não poder esperar”²⁶. A soberania, conceito fundamental na constelação desse pensamento, presente em toda a obra, mas nunca plenamente esclarecido pelo filósofo, dada a sua incompatibilidade com toda fixidez, a sua resistência a toda definição clara, como nota Jiyeon Cha²⁷, revela aqui sua importância. Ela remete-nos às experiências do dilapidar sem fim, do gasto sem compensação, remete-nos ao cerne mesmo do excesso, aos movimentos que as formas humanamente instituídas visam domesticar. Bataille novamente: “Soberania designa o movimento de violência livre e interiormente dilacerante que anima a totalidade (...)”²⁸. As forças soberanas explodem em experiências diversas, nos instantes miraculosos em que, rompidos com projetos, com objetivos sensatos, recusamos a submissão ao império da necessidade, ao uso eficaz de nossos recursos, máximas que norteiam a consciência distinta. Na direção dessas forças que a linguagem oculta, a literatura, que não deixa de ser linguagem e que não prescinde das palavras, nos lança.

LITERATURA: COLAPSO (SACRIFÍCIO) DA LINGUAGEM?

Delineando-se a partir do excesso e das energias potentes que vicejam em nosso interior, podemos considerar que, sob a letra de Bataille, a criação literária tem como pressuposto a abertura para o colapso. Com efeito, ela se situa entre as experiências que apontam para a desconfiguração das formas estáveis e instituídas, as atitudes que, no decorrer de sua obra, Bataille denomina eróticas. Tais atitudes, segundo o autor, por si sós, transtornam o que há de estável na existência em geral, porquanto regidas pelo gasto sem compensações e pelo gosto da perda ilimitada. Antinomizando com a lógica

²⁴ Ibidem, p. 57.

²⁵ Idem. O erotismo. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2014, p. 214.

²⁶ Idem. A experiência interior. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, p. 225.

²⁷ CHA, J. *La trahison chez Gerges Bataille: l'homme souverain et la littérature*. Paris Cité: Université Sorbonne, 2016. HAL id. <https://theses.hal.science>.

²⁸ BATAILLE, G. Teoria da Religião. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015, p. 78.

dos cálculos e da produção, elas exaltam o instante, implicam um mergulho no excesso, o flerte com a totalidade contínua, a temporária supressão do eu nítido e ilusoriamente igual a si mesmo. Numa palavra, tais atitudes constituem uma afirmação da vida em sua mais alta exuberância, uma vez que nessas experiências se obnubilam as fragilidades do existir e prevalece “um sentimento que ultrapassa tudo, de tal forma que as sombrias perspectivas ligadas à situação do ser descontínuo caem no esquecimento”²⁹. À inalcançável experiência da continuidade o erotismo nos conecta; eis o seu segredo.

Aos olhos do autor, o processo criador implicado no ato literário revela-se contíguo a manifestações por ele concebidas como eróticas, tais como a festa, o luxo, o jogo, o riso, a embriaguez, ou seja, as atividades que ao antinomizarem radicalmente com a lógica compensatória instauram uma fresta para a intimidade recôndita do real, profundamente oposta ao mundo coisificado. Em *A Noção de despesa*, datada de 1933, Bataille já sublinhava que tanto o teatro quanto a literatura, na sua forma maior, “provocam a angústia e o horror, através de representações simbólicas de perda trágica (decadência ou morte)”³⁰. Para além de representar a perda, essas formas artísticas trazem ao mundo figurações que contraditam todo senso de eficácia. Ora, é ruínosa toda criação que se efetua pela perda, pela produção de formas inúteis, resultantes do excesso que antinomiza com estruturas sólidas. Nesse sentido, a literatura pode ser concebida como um universo de representações resultante de um pensar imaginativo, aberto pelo desejo de contestar e de suplantar as interdições que fixam a vida descontínua, aquelas oriundas do trabalho e da linguagem organizadora do real estático, que servem de cenário para condutas produtivas. Como toda arte, ela revela-se um ato de insubordinação, de “abertura à revolta”³¹ e contra o já conhecido³². Ao instaurar, com processos imaginários, este desconcerto do pensar – “só o pensamento violento coincide com o desvanecimento do pensamento”³³ – destaca-se sua vocação para transgredir interditos³⁴, para a tensão que põe em suspenso os diques que aprisionam o excesso. Sob essa perspectiva, as marcas do erotismo e da transgressão operadas por tal pensar se inscrevem na literatura, que violenta a seu modo estabilidades instituídas. Inserta na constelação das atitudes eróticas, a natureza da criação literária avizinha-se também do sacrifício. Enquanto tal, ela é signo de colapso, mas este colapso não se furta a instaurar uma estranha espécie de devir. Detenhamo-nos nesse impasse.

Por toda a sua obra, Bataille reflete sobre o sacrifício, sobretudo aquele praticado no âmbito da experiência religiosa. Enquanto ato que visa à destruição, ele tem por intuito a supressão do domínio da coisalidade; constitui assim uma experiência que liberta seres e objetos dessa esfera e os reinsere no dinamismo violento e generoso do universo, cuja continuidade devastadora, já o sabemos, escapa à lógica da representação humana. Ele

²⁹ BATAILLE, G. O erotismo. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2014, p. 39.

³⁰ Idem. Noção de despesa. In: A parte maldita. Lisboa: Fim de século Ed. 2025, p. 33.

³¹ BATAILLE, G. A literatura e o mal. Porto Alegre: L&PM, 1989, p. 176.

³² Observa o comentador: “Para Bataille, a arte é uma expressão de insubordinação, uma negatividade autônoma que transgride a cultura e o saber, pois ela procede de um elemento selvagem e inassimilável: o desejo”. TEIXEIRA, V. *Georges Bataille, La part de l'art. La peinture du non-savoir*. Paris: Editions L'Harmattan, 1997, p. 23.

³³ BATAILLE, G. A experiência interior. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, p. 254.

³⁴ Transgressão e interdito são noções centrais no pensamento de Bataille. O segundo, ao propiciar pelo trabalho e pela linguagem a constituição da consciência clara e separar a vida interior da totalidade, não exclui as energias excessivas que atravessam essa mesma consciência, suscitando nela o fascínio pela transposição dos limites que asseguram a preservação da existência. Os atos transgressivos, contudo, não implicam o erradicar dos interditos, mas a sua suspensão temporária; somente com a persistência latente deles a transgressão adquire sentido. Um jogo assim se tece entre a lei e sua violação: “A verdade dos interditos é a chave de nossa atitude humana. Nós (...) podemos saber que os interditos nos são impostos de fora. Isso nos aparece na angústia, no momento em que transgredimos o interdito, sobretudo no momento suspenso em que ele ainda atua, e em que, não obstante, cedemos à impulsão a que ele e opunha”. BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2014, p. 62.

conecta-nos com o que há de mais íntimo no real. No dizer de Vicent Teixeira: “O sacrifício comunica a angústia, mas ele é também o contágio de um arrebatamento com o ser”³⁵. Assim, essa experiência remete-nos aos antípodas do mundo percebido distintamente e das lógicas ligadas ao projeto. Este último se traduz em busca ordenada e sistematizada de resultados; o sacrifício, inversamente, encontra seu valor no próprio ato em que se realiza. Seu papel é se desviar da morte solidificada produzida pela vida avara. Cabe a ele, escreve o autor em *A experiência interior*, “manter tolerável – viva – uma vida em que a avareza necessária incessantemente reconduz à morte”³⁶. Trata-se de um ato que viabiliza a ruptura com a descontinuidade, a participação na intimidade virulenta do ser, no brilho íntimo da vida: “Nada no sacrifício é remetido a mais tarde, ele tem o poder de colocar tudo em causa no instante em que ocorre, de afetar tudo, de tornar tudo presente”³⁷.

A potência de destruição inerente aos atos de sacrifício, entretanto, não conduz necessariamente ao aniquilamento dos objetos e dos seres, antes desfaz as teias da subordinação que os enlaçam ao mundo da utilidade e os “devolve àquele do capricho ininteligível”³⁸. Seu significado coincide com a abertura para o ilimitado, o mesmo ilimitado, assevera o autor, que nos desvelam a poesia e a literatura. A primeira, em seu desvio da lógica, está fora da lei, “produz penumbras, introduz o equívoco”³⁹. Assim, ela desestabiliza o mundo das coisas e põe-se, com sua potência desestruturadora, à altura do sacrifício; revela então sua autenticidade. A ruína por ela operada – a evasão da gramática das coisas, a recusa da lógica dos projetos e da ação compensatória, a adesão ao princípio da perda –, se estende e impregna a segunda. Mais precisamente, a criação e os escritos literários, enquanto atos soberanos, portam, no sentido largo, os elementos, o estigma do poético, entendido como uma certa natureza da escrita⁴⁰. Com efeito, somente ao impregnar-se com o colorido próprio da poesia, assinala Marie-Christine Lala, a literatura: “se institui, a partir daí ela se torna essencial”⁴¹. Bataille o diz sem cerimônias, a literatura “ou é efetivamente poética, ou não é nada”⁴².

Mas se a literatura – uma vez impregnada da natureza poética – abre para o mesmo horizonte que o sacrifício, cumpre interrogar: o que exatamente sacrifica ela? Decerto, aquele que mergulha na elaboração ou na leitura da ficção literária se entrega a um movimento que o afasta das objetividades fixadas pelos hábitos, pelos consensos acerca da lógica utilitária do mundo; sacrifica-se assim o lugar estabelecido das coisas, as formas fixadas pela lei. Mais profundamente ainda, os escritos dessa natureza apropriam-se dos símbolos linguísticos, procedendo a um sacrifício de seus significados. Bataille é contundente: “Da poesia, direi agora que ela é, acredito, o sacrifício em que as palavras são vítimas”⁴³. A rigor, no ato inútil da invenção literária e poética, em que as palavras

³⁵ TEIXEIRA, V. *Georges Bataille, La part de l'art. La peinture du non-savoir*, Paris, Editions L'Harmattan, 1997, p. 97.

³⁶ BATAILLE, G. *A experiência interior*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, p. 176.

³⁷ *Ibidem*, p. 178.

³⁸ *Idem*. *Teoria da Religião*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015, p. 39.

³⁹ *Idem*. *La voluntad de lo imposible*. In: *La felicidad, el erotismo y la literatura*. Ensayos 1944-1961. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2008, p. 21.

⁴⁰ Como nota Silvio Mattoni, a poesia em Bataille não se circunscreve a um gênero literário, concerne antes a um movimento que permeia a escrita, de modo que a linguagem anula sua estrutura, sua articulação justificada pela ação prática e útil. Assim com a “criação por meio da perda, o ato do sacrifício na linguagem(...) e [na poesia], se faria visível a totalidade contínua do que existe”. MATTONI, S. *Prólogo: La lucidez y el deslumbramiento*. In: BATAILLE, G. In: *La felicidad, el erotismo y la literatura*. Ensayos 1944-1961. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2008, p. 8.

⁴¹ LALA, M-C. *Georges Bataille, Poète du réel*. Bern: Peter Lang, International Academic Publishers, 2010, p. 121.

⁴² BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: L&PM, 1989, p. 182.

⁴³ BATAILLE, G. *A experiência interior*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2016 p. 176.

se desconectam de lógicas maquínicas e empreendimentos quaisquer, uma espécie de autodeformação se efetua nos símbolos linguísticos, desencadeando um processo que transtorna a solidez significativa que parece neles se inscrever. Uma expressão bergsoniana aqui nos assedia. Desviadas de seus fins, as palavras, em searas literárias, sofrem *uma torção*; passam, assim, a acenar para o desordenamento das significações cristalizadas. Nesse sentido, emprestando aqui os termos de Anderson Camilo⁴⁴, opera-se uma espécie de “falar calando”, algo como uma derrisão da linguagem, um escape dos vocábulos, ou dos sentidos neles congelados, de sorte que sem que a circunscrição simbólica seja abandonada, se efetua uma perturbação do campo representacional.

A rigor, desde que torcidos em seus significados, os recursos linguísticos parecem rasgar a cortina simbólica na qual inscrevemos nossa vida e constituímos uma realidade aparentemente consistente, sempre igual a si mesma. A ordem fixa das palavras é então violada, e elas se abrem “para fazer entrar o silêncio e o grito numa na transparência de uma escritura que confessa sua impossibilidade de uma palavra total”⁴⁵. Nesse processo, as palavras, agora transviadas em seus destinos originários, sacrificam as estabilidades significativas, emancipam-se de um horizonte servil e se manifestam como expressão de dispêndio e perda. Em *A experiência interior*, Bataille faz a seguinte observação concernente à poesia, cujo alcance, já o sabemos, concerne igualmente ao ato literário em sua maior amplitude: “ela é o poder que a palavra tem de evocar a efusão, a despesa imoderada de suas próprias forças. (...) ao desnortear as palavras ela *desordena as imagens* e revela-se como ato votado a aniquilar o conjunto de signos que a esfera da atividade é.”⁴⁶ Eis a potência de destruição que se inscreve no esforço poético-literário. A literatura revela uma negatividade que abala ou colapsa a estrutura das representações que regem o universo simbólico e das quais advém a frágil estabilidade pertinente ao mundo dos negócios humanos. Ademais, o rompimento com desígnios identitários dos signos promove também a inscrição de uma impotência na linguagem escrita, como lemos em *O culpado*: “Escrever nunca é mais que um jogo jogado com uma realidade inapreensível”⁴⁷. Com tal desarranjo, subverte-se o fundamento do discurso, a saber, as imagens estáveis que garantem a funcionalidade mundana, a sua utilidade, sempre desprovida do inesperado, porque desde sempre conhecida. No radical dizer do autor, os símbolos emancipados da instrumentalidade pela criação poética e literária, estão voltados para a perda, para uma criação dispendiosa que visa dilapidar. Assim profanados, eles promovem uma verdadeira hecatombe, ou nos termos de Bataille, um “holocausto das palavras”, ainda que não encontrem aí o seu limite absoluto⁴⁸.

Assim concebida, ou seja, enquanto experiência de ruína e dilapidação, a literatura associa-se necessariamente a uma experiência de colapso, colapso do real estabilizado e inerte, colapso dos símbolos que estruturam as significações socialmente compartilhadas. Ainda que não possa prescindir dos recursos simbólicos, porque é linguagem, o vazio que a literatura instaura na destinação servil das palavras opera um violento colapso. Não obstante, de tal hecatombe literariamente operada, a qual “desordena as imagens” já gastas pelo uso e pelos significados estanques, dessa experiência de negatividade que nos aproxima do informe, algo advém.

⁴⁴ CAMILO, A. B. *A economia as paixões*. Curitiba: Appris Editora, 2019, p. 51.

⁴⁵ TEIXEIRA, V. *Georges Bataille, La part de l'art. La peinture du non-savoir*, Paris, Editions L'Harmattan, 1997, p. 94.

⁴⁶ BATAILLE, G. Op. Cit., p. 242, grifo nosso.

⁴⁷ Idem. *O culpado*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017, p. 71.

⁴⁸ Escreve Bataille: “Mas a poesia não é redutível ao simples ‘holocausto das palavras’. (...) Pois a este tempo que nos desfaz, que só pode desfazer o que queremos consolidar, temos o recurso de fornecer um ‘coração a devorar’. Orestes ou Fedra destruídos são para poesia o que a vítima é para o sacrifício”. BATAILLE, G. *A experiência interior*. São Paulo: Ed. Ática, 1992, p. 156.

LITERATURA E O DEVIR INCÓGNITO

As palavras, uma vez torcidas nos seus significados, libertam-se da servidão operatória das coisas, da condição de instrumentos. Revelam assim o mais profundo e recôndito do humano: “Nada teríamos de humano se a linguagem em nós tivesse de ser inteiramente servil”⁴⁹. Dimensão que a literatura revivifica ao operar um déficit do sistema de símbolos. Com efeito, a criação poético/literária, ao operar a volta da linguagem contra ela mesma, desnorteia o elo entre os vocábulos e a natureza gélida e profana do trabalho. Reiteremos: tal desmoronamento operado pela literatura é colapso, o qual por si só nos remete à exuberância indistinta do real, à experiência do impossível que nenhum discurso, acordado com sua finalidade útil e instrumental, expressaria a contento. Esse colapso, na literatura – como em toda arte, “nos abre para um mundo sem razão e sem fins”⁵⁰.

Decerto, na poesia ou na literatura, as palavras continuam a ser palavras e, enquanto tal, não nos permitem apreender ou experienciar diretamente a violência contínua e irrepresentável do ser, com a qual de fato talvez só o silêncio contemporizaria. Em *A experiência interior*, o texto nos instrui: “O extremo está alhures. (...) Que uma expressão qualquer o testemunhe: o extremo é distinto dela. Nunca é literatura. Se a poesia o expressa, é distinto dela: a ponto de não ser poético, pois se a poesia o tem por objeto, ela não o atinge. Quando o extremo está ali, os meios que servem para atingi-lo já não estão mais”⁵¹. Nessa senda, pondera Bataille, as imagens escritas e literárias, que irrompem com a desestruturação dos sentidos estabilizados, não nos retiram por completo do mundo ordenado e delimitado. Não obstante, ao operarem a subversão dos sentidos fixos, elas trazem inscritas em sua natureza mesma a dinâmica da perda e da dilapidação. Como advoga o autor, sem destruição não haveria poesia: “A destruição não é menos necessária para a poesia que para o sacrifício, mas a poesia a efetua sem coação. (...) o sentido da palavra poética contém um elemento de morte e de supressão”⁵². Considerações que se estendem, enfatizemos ainda uma vez, à literatura. De fato, apesar de seus limites, uma vez arrancadas de seus significados consensuais, em searas poéticas – literárias, pois –, as palavras nos facultam uma apreensão indireta da experiência que fascina e apavora, e que, por sua natureza mesma, se revela incomensurável com o discurso.

É crucial observar, ademais que, ao nos aproximar dessa indistinção em que as realidades estabilizadas se desfazem, este colapsar evoca também o fato de que o informe, como concebido por Bataille, implica uma continuidade a um só tempo destruidora e produtora de realidades. Nessa senda, torna-se lícito inferir que ao separar as palavras do sentido comum, que as envilece com o valor de uso, o ato literário não apenas esboroa formas cristalizadas, mas simultaneamente as reinveste com certa nobreza, visto que elas se reinserem num processo de significação não reificante originando imagens inesperadas. Ora, esse processo, e esse é um ponto crucial para a discussão que tecemos aqui, evidencia que o transtorno significativo operado pelo colapso dos símbolos é indissociável de uma fecundidade de formas que dimanam da destruição⁵³. Evoquemos, uma vez mais, *A noção de despesa*, em que Bataille alude à poesia que impregna toda a grande literatura: “O termo de poesia (...) pode ser considerado um sinônimo do termo de despesa: significa, com

⁴⁹ Ibidem, p. 176.

⁵⁰ ALTBERGH, F. Georges Bataille ou l'envers de la philosophie. [s.l.]: Camion Blanc Éd., 2014, p. 54.

⁵¹ BATAILLE, G. *A experiência interior*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2016, p. 83.

⁵² Idem. In: *La felicidad, el erotismo y la literatura*. Ensayos 1944-1961. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2008, p. 52.

⁵³ TEIXEIRA, V. *Georges Bataille, La part de l'art. La peinture du non-savoir*. Paris: Editions L' Harmattan, 1997, p. 48.

efeito, da maneira mais parecida, criação por meio da perda”⁵⁴. Aspecto esse, insistamos, intrínseco ao real informe, o qual não apenas arruína formas, mas engendra outras, as quais portam uma natureza transgressiva um destino trágico, como sublinha Didi Huberman, em referência a Rosalind Krauss, ao comentar que para Bataille não basta negar as formas⁵⁵. Com efeito, o universo das formas não antagoniza com a continuidade originária do baixo materialismo; inversamente, elas se constituem nesse universo, ainda que irrompam sob a chancela da dor e da negatividade, pressupostos necessários para que algo de novo e prodigioso advenha. A negatividade revela assim sua potência criadora. Aspecto que Didi Huberman enuncia com primor: “Reivindicar o informe não quer dizer reivindicar não-formas, mas antes engajar-se em um trabalho das formas, equivalente ao que seria um trabalho de parto ou de agonia (...) uma abertura, uma laceração, um processo dilacerante que condena algo à morte e que, nessa mesma negatividade inventa algo absolutamente novo, dá algo à luz, ainda que à luz de uma crueldade em ação nas formas e nas relações entre formas (...)”⁵⁶.

Destarte, no que tange à literatura, a força desorganizadora que opera o colapso dos significados estabilizados dos símbolos, é também geradora de “formas próprias”, cujos enigmas se delineiam no advir de imagens inesperadas, dissociadas do senso utilitário e das lógicas familiares, mas tais imagens só podem emergir da ruína, de um processo violento. Nesse sentido, o movimento negativo operado pela criação literária é a um só tempo destrutivo e inventivo. Vincent Teixeira vem igualmente corroborar estas teses: “toda criação de uma forma nova é igualmente o assassinio de outras formas. O sublime da criação reside no momento de seu surgimento onde se entredilaceram as forças da vida e da morte, instante único de indecisão”⁵⁷. No tocante à criação literária, na qual se instauram realidades imaginantes e fictícias, este confronto excruciante desvela o processo íntimo do real informe, no qual tudo o que se constitui será inelutavelmente esmagado, mas no qual igualmente formas advêm, criadas para nada, num dispêndio improdutivo, puro gasto descompensado de energia, numa continuidade sem telos. Bataille, em *Documents*: “o informe não é somente um adjetivo que tem esse ou aquele sentido, mas um termo que serve para desclassificar, *exigindo geralmente que cada coisa tenha sua forma*”⁵⁸. Decorre daí, ou seja, do fato de que esse baixo materialismo que nada tem de coisa em si, em sua negatividade imanente, avessa a qualquer idealidade, produza uma figuração de formas, que a criação literária, concebida como um ato de holocausto, sacrifício, destruição, não deixe de configurar, em simultaneidade com a destruição que promove, uma certa espécie, bastante singular decerto, de devir; um devir surgido da imanência material e informe. Numa palavra, o holocausto operado pela literatura, se é força potente de ruína, se é colapso, é também força instauradora de “formas próprias”. Um devir, pois.

Voltemos a Houaiss, mais especificamente ao verbete no qual *devir* se explicita como ‘vir a ser, tornar-se, transformar-se; tornar-se o que não era antes’⁵⁹. O devir que assim se delineia no colapso operado pela literatura não será aquele subalterno às intenções úteis que imperam no oceano da repetitividade e das formas fixas em seus contornos. Nele despontam imagens que não eram antes, para ficarmos no sugerido

⁵⁴ BATAILLE, G. Noção de despesa. In: A parte maldita. Lisboa: Fim de século. Ed, 2025, p. 33.

⁵⁵ DIDI-HUBERMAN, G. A semelhança informe. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2015, p. 30.

⁵⁶ DIDI-HUBERMAN, G. A semelhança informe. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2015, p. 29.

⁵⁷ TEIXEIRA, V. *Georges Bataille, La part de l'art. La peinture du non-savoir*. Paris: Editions L'Harmattan, 1997, p. 109.

⁵⁸ BATAILLE, G. Informe. *Documents*. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2018, p.147, grifo nosso.

⁵⁹ HOUAISS A., Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009, p. 676.

pelo verbete, mas criadas num movimento destituído de propósitos, as quais adentram num mundo em que só persevera o que tem fins definidos. Tais imagens subvertem nossa familiaridade com o real que nos entorna e, ao nos desnorream das metas e das estabilidades instituídas, nos lançam na aventura do desconhecimento. De fato, como toda arte, a literatura remete-nos à experiência soberana, que nos defronta com o processo infinito de perda ou de criação inútil, a qual antinomia com toda intenção de conhecimento⁶⁰. Ela atualiza uma linguagem de outra espécie, destituída da égide servil, e que se traduz, evocando Blanchot, num aflorar insensato de imagens – formas – inesperadas, rompidas com o percepto. Imagens vãs que assomam de uma indistinção originária, Elas remetem a uma realidade estranha à consciência, a um efêmero “gozo da noite”⁶¹, porque a um só tempo demolidoras e constituintes de novos e transitórios sentidos. De fato, a não fixidez significativa que suas formas aportam, ultrapassando o mundo estruturado em linguagem, isenta, pois, de fundamentos absolutos, decreta também a sua constante superação. Expliquemos.

Se a literatura produz imagens (formas e figuras) produtoras de novas e estranhas significações, essas não se cristalizam nos moldes do uso coisificante; não são tampouco reveladoras de significados eternos e transcendentais; inversamente, justamente porque representam o que escapa à representação, o que não se subordina às figuras fixas se apresentam como formas abertas sujeitas a possibilidades inúmeras de reconfigurações do sentido. Elas são, pois, evocando ainda Blanchot, formas do informe, o qual insere inexoravelmente o desastre nas formas estabilizadas. Nesse sentido, os significados que elas instauram se revelam prescindíveis, temporários, já que estão sujeitos ao desmoronamento, à ruína, à assunção de novas significações, desvelando assim sua impotência para traduzir dimensões ontológicas estáveis; podemos vislumbrar aqui um processo incessante de aniquilação e renascimento que mimetiza o movimento de criação e ruína pertinente ao contínuo originário, ou seja, a dinâmica própria do informe. Compreendemos, pois, na esteira de Bataille, que a literatura, essa fonte criadora de formas vãs, nos abre para os antípodas das formas estabelecidas e das medidas comuns; ela excede os limites, aproximamos do heterogêneo em sua imanência essencial e negativa. Somos assim lançados a um estranho devir que não é senão a perturbadora experiência do desconhecer, do “não saber”. Os dizeres do autor acerca da arte em geral aqui vêm a propósito: “a arte não tem outro sentido, (...) a arte é sempre a resposta à esperança suprema do inesperado, de um milagre”⁶². Leiamos esse inesperado como o real desvelado pelo não saber, o desconhecido. Bataille outra vez: “Frequentemente, o desconhecido nos deixa angustiado, mas ele é condição do êxtase. (...) Se enganamos a necessidade de possuir [*de saber*], a angústia, tão logo, vira êxtase”⁶³.

Assim, as palavras, na literatura, emancipadas da servidão utilitária, irrompem como projeções, explosões, inserindo heteronomia nas coisas, para ficarmos com Barthes⁶⁴. Nessa senda, elas remetem-nos ao desconhecido, ao êxtase do informe, que de fato não

⁶⁰ A abertura para a inutilidade convulsiva do universo material, para sua heterogeneidade, jamais homogeneidade, consiste, aos olhos de Bataille o sentido último da arte: “Um tal desvelamento do mundo como essa imensidade incomensurável que se desdobra em pura perda, como esgotando seu sentido ao ser é (...) próprio da arte e da poesia, se é verdade que segundo Rimbaud a poesia nos abre à eternidade irracional do ser, concebido como continuidade e confusão dos elementos (...)” ALTBERGH, F. *Georges Bataille ou l'envers de la philosophie*. [s.l.]: Camion Blanc Éd., 2014, p. 55.

⁶¹ BATAILLE, G. In: *La felicidad, el erotismo y la literatura*. Ensayos 1944-1961. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2008, p. 257.

⁶² BATAILLE, G. *La Souveraineté*. Paris: Nouvelles Éditions, Lignes, 2012, p. 25.

⁶³ Idem. *A experiência interior*. São Paulo: Ed. Ática, 1992, p. 156.

⁶⁴ BARTHES, R. *Aula*. Rio de Janeiro: Ed. Cultrix, 1980, p. 21 e 40.

pode ser pensado ou conhecido. No entanto, para além desse colapso das formas que se opera em concomitância com a produção de um devir gerador de criações singulares e imaginárias, cunhadas sempre pelo signo do desastre significativo, algo mais advém. Aos olhos de Bataille, outra experiência, outro devir, ainda se instaura com o holocausto da linguagem suscitado pela literatura.

UM OUTRO DEVIR: A SOBERANA COMUNICAÇÃO

Evoquemos, uma vez mais, a imagem inicial de nossa discussão, a heterologia de Bataille. A materialidade informe e indistinta, irrepresentável em seu dinamismo negativo, que se confunde com o fundo mais íntimo do real, no qual tudo o que é criado, traz a chancela da morte. Esta originariedade, como dizíamos, revela que o mal, índice perpétuo de ruína, é fundamento do ser. Nesse caso, tal como concebido pelo autor, o mal inscreve-se no princípio ativo da materialidade, se presentifica nos movimentos do contínuo excessivo, incompatíveis com os critérios mensuráveis da inteligência. Ele é indissociável do que há de irredutível e soberano na vida, ou seja, do impossível que viceja “no fundo do ser”, que se perpetua em nossa interioridade, o qual escapa à esfera instaurada pela razão e pela humanidade comprometida com a conservação de suas obras, com os valores que garantem o bem e a preservação da cidade. Elementos, cuja relevância, não são minimizados por Bataille, mas que não podem ser elevados à condição de essencialidade daquilo que é e tampouco do que somos nós, indivíduos envoltos pelo abismo. Voltemos à reflexão inicial: em todo ser humano, o movimento dessas forças persevera obscuramente, ameaçando colapsar a representação clara e lógica do que somos. A essa última nos apegamos e com ela construímos uma imagem estéril de nossa interioridade, ancorada na ilusão de uma forma una, solidamente definida, tal como um coágulo. Afinal, pontua Bataille: “Nada nos parece mais bem assegurado que este eu que baseia o pensamento”⁶⁵. Entretanto, “Algo existe em nós de apaixonado, de generoso e de sagrado que excede as representações da inteligência: é por esse excesso que somos humanos”⁶⁶. Tal excesso, que pode ser lido como uma presença indelével do mal em nós, nos impulsiona em direção à violência da continuidade obscura pertinente ao ser e vem atualizar o desconhecido que o eu estruturado repugna. O reencontro dessa continuidade maldita é a mais intensa e recôndita de nossas nostalgias.

A literatura, ainda que nos permita viver a dissolução das formas apenas por analogia, visto que não nos insere concreta e factualmente no informe, exprime uma prática maldita e libertadora. Produtora de “formas inúteis e monstruosas”, que “surtem e desaparecem inutilmente”⁶⁷, seus aportes nos remetem a um incognoscível diabólico e perturbador. Como observa Frédéric Altberg, essas formas criadas pela arte em geral, e pela literatura em particular, revelam que unicamente uma potência imaginante, derivadas de uma força transgressora, pode nos remeter ao impossível pelo qual anelamos, ao ininteligível, que está no fundo do real: “Ora é preciso compreender que é a arte, e somente ela (quer dizer a imaginação) que cabe, primeiro, nos abrir através de formas prodigiosas que ela produz, (...) o impossível que o ser heterogêneo”⁶⁸. Nesse sentido, o impulso da imaginação e as formas por ela desencadeadas no ato literário abrem-nos a

⁶⁵ BATAILLE, G. A literatura e o mal. Porto Alegre: L&PM, 1989, p. 110.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ ALTBERGH, F. Georges Bataille ou l'envers de la philosophie. [s.l.]: Camion Blanc Éd., 2014, p. 71.

⁶⁸ Idem.

uma dimensão ausente do pensar e traz à luz o segredo do nosso anseio mais recôndito; e aqui poderíamos ainda conjecturar que, nesse caso, o imaginar em ato é o que nos leva ao que há de mais verdadeiro e intenso, a saber, ao fundo do real. Ao mesmo tempo, essa dinâmica propicia também uma experiência que subverte o fechamento ou a solidão na qual se cristaliza a subjetividade humana. Com ela instaura-se um contato.

Em *O erotismo*, como pontuávamos, Bataille é categórico ao frisar que entre os indivíduos humanos, presos aos seus contornos simbólicos de um eu unitário e solidamente constituído, o que existe é uma distância abissal, uma impossibilidade de comunhão. Não obstante, a literatura, criação resultante do excesso que transborda nossos critérios de lucidez e inteligibilidade, ao se situar ao lado das atitudes eróticas, ao reverberar nesses instantes em que submergimos na continuidade íntima e transbordante que nos perpassa, traz à tona a presença do mal em nós. E, ao fazê-lo, abre uma fenda na clausura subjetiva.

Em geral, as atitudes eróticas, mesmo quando miseráveis, pondera Bataille, situam-se do lado do dispêndio puro e da perda; assim, propiciam momentos nos quais o que há de estável e uno em nós é transtornado e se põe em questão. Nessa senda, a literatura, que é sempre poética, frisemos uma vez mais, remete-nos aos momentos em que a humanidade, de algum modo, se evade do isolamento e dos contornos que a iguala ao modo pelo qual apreende as coisas materiais. Decorre daí que, ao lado do sacrifício das palavras, do holocausto da linguagem que remete o eu a realidades que transcendem seja o conhecimento empedernido, seja o real imobilizado pelos símbolos, para além da criação de formas destinadas a desaparecer, a literatura instaura um viés pelo qual se dissolvem os contornos que fixam nossa subjetividade e a distinguem da totalidade mundana. Ela promove, pois, uma experiência de comunicação.

Voltemo-nos a alguns dos argumentos tecidos em *A literatura e o mal*. Seja de onde for que a literatura advenha, sustenta Bataille, uma comunicação se instaura: “a questão da comunicação sempre está posta na expressão literária”⁶⁹, “a comunicação é o contrário da coisa, que se define pelo isolamento que é possível lhe produzir”⁷⁰. Mas tenhamos em mente a oposição pontuada por Bataille. De um lado, há a comunicação banal, ou fraca; de outro, a comunicação forte. A primeira é a base do funcionamento social, está a serviço da produtividade, viabiliza a condução da ordem humana; a segunda, que não se diferencia da experiência de soberania, une as consciências que se fundem numa dimensão impenetrável. Esta forma outra de comunicação impera nos momentos privilegiados “que baseiam as emoções da sensualidade e das festas, que fundam o drama, o amor, a separação e a morte”⁷¹. Momentos tais, em que as consciências ultrapassam as fronteiras dentro das quais se constituem como unidades isoladas. Decerto, tal comunicação nada tem a ver com o contato intersubjetivo em que as consciências implicadas se ligam permanecendo incólumes em sua singularidade e identidade fixa. Não é, pois, o eu substancial e uno de uma subjetividade autora e de uma subjetividade leitora que a literatura põe em comunicação; o que ela promove no ato em que é engendrada, assim como no ato da leitura, é a supressão dessas subjetividades isoladas em prol da comunhão com o excesso que habita e transborda cada uma delas, enlaçando-as e revelando o real que escapa à consciência distinta, a saber, a desnorteante e negativa continuidade, a qual só se revela com uma violência desestruturante. Bataille, em *O culpado*: “A desorganização dos homens e das coisas – e não a estagnação – convém à conquista de verdades perturbadoras”⁷².

⁶⁹ BATAILLE, G. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: L&PM, 1989, p. 180.

⁷⁰ Idem. *A parte maldita*. Lisboa: Fim de século Ed., 2025, p. 167.

⁷¹ BATAILLE, G. Op. Cit., p. 180.

⁷² BATAILLE, G. *O culpado*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017, p. 86.

Transgressora dos princípios que asseguram a manutenção da vida, a literatura, se genuína, ou seja, se de fato antinômica ao *ethos* da eficácia e da compensação – se de fato poética –, opera esse movimento aniquilador dos contornos que isolam o eu, uma vez que aquele que escreve “nega-se a si mesmo, nega sua particularidade em proveito da obra, nega ao mesmo tempo a particularidade dos leitores em proveito da leitura”⁷³. Se o autor do escrito suprime a si mesmo na obra, o leitor incorre igualmente numa autoabolição pelo ato de leitura; o ser isolado de um e de outro assim se dissolve e faz-se soberano numa comunicação continuada. Com ela, o abismo que separa as subjetividades de algum modo esboroa. Nesse registro, a humanidade com a qual a criação literária se comunica, pontua Bataille, é a humanidade soberana. E “aquilo que é comunicado desse ponto a um ser, de um ser a esse ponto, escreve Bataille em *O Culpado*, é uma perda fulgurante”⁷⁴.

Vemos assim que, sob o olhar do autor, a literatura, tanto no que tange aos símbolos quanto à existência subjetiva, opera o colapso das formas, o qual não deixa de engendrar um devir. Como na tensão pertinente a todo ato transgressivo, nela o eu se perde e a ilusória estabilidade do ser – a ilusão do coágulo, evocando Faulkner ainda uma vez – se põe em questão. No limite, com a comunicação soberana por ela instaurada, o que se explicita é a dinâmica de perda trágica e gratuita que nos liga ao cosmos, regido não pela ordem das razões, mas pelo movimento insensato do informe. O escritor, postula Bataille, não erradica a natureza instrumental da linguagem e seu vínculo com a subsistência, mas a logra subverter ao recusar tal funcionalidade; aponta assim para um horizonte ilimitado, nos remete à insondável totalidade pela qual intimamente aspiramos, ao impossível, no qual a continuidade esfacela os contornos fixos e as finalidades estabelecidas. Desse modo, para além de pôr em suspenso a natureza instrumental e servil da linguagem, ao ar livre curso à produção de realidades imaginárias, ele tanto quanto aquele que o lê “excluindo outras preocupações maiores, só pode compor essas figuras fascinantes – inumeráveis e ilusórias – que dissipam o recurso” e “(...) onde a humanidade perdida se reencontra.”⁷⁵

As emoções que a escrita literária viabiliza, bem como os movimentos da imaginação que põe em curso naquele que escreve e naquele que lê, libertam a experiência subjetiva da clausura do eu submetido aos imperativos da ação eficaz e produtiva. Dessa escravidão, essa escrita nos desvia, uma vez que poesia e literatura apontam para o “sensível ilimitado”⁷⁶. Ainda que pela via da consciência, elas nos remetem à dimensão soberana da vida. No dizer de Bataille, em *A literatura e o mal*: “a poesia é um grito que faz ver; que revela o que de outro modo não veríamos”. Ou ainda: “Fazer obra literária (...) é falar a linguagem soberana que, vindo da parte soberana do homem, se dirige à humanidade soberana. Obscuramente (...) o amante da literatura tem o sentido dessa verdade”⁷⁷. Numa palavra, essa comunicação que Bataille designa forte enlaça a soberania daqueles que se comunicam: “a soberania é sempre comunicação, e (...) a comunicação, no sentido forte, sempre é soberana”⁷⁸.

Em suma, a literatura, situada por Bataille sob o registro do erotismo, é experiência de colapso. Simultaneamente, são múltiplos os devires que ela descortina. Aqui nos detivemos no devir aberto pelo sacrifício das palavras, que gera novas

⁷³ Idem. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: L&PM, 1989, p.166.

⁷⁴ BATAILLE, G. Op. Cit., p. 57.

⁷⁵ BATAILLE, G. In: *La felicidad, el erotismo y la literatura*. Ensayos 1944-1961. Buenos Aires, Adriana Hidalgo editora, 2008, p. 145.

⁷⁶ BATAILLE, G. In: *La felicidad, el erotismo y la literatura*. Ensayos 1944-1961. Buenos Aires, Adriana Hidalgo editora, 2008, p. 145, p. 41.

⁷⁷ BATAILLE, G. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: L&PM, 1989, p. 172.

⁷⁸ Idem, p. 180.

formas cuja destinação é a ruína, e o devir da comunicação soberana indissociável do movimento que colapsa a dolorosa solidão a que a humanidade organizada nos condena. Não obstante, frisemos: estes devires aqui evocados nada têm a ver com o futuro, não estão do lado dos fins ideais, do projeto, do desejo de durar e perseverar num mundo de compensações e acúmulos, signos da necessidade, da vida administrada e fechada que garante a sobrevivência da espécie. Estamos num registro totalmente outro. O que aqui interpretamos como devires instaurados pela literatura que, em sua natureza erótica, colapsa não apenas a estabilidade significativa dos vocábulos, mas igualmente o equilíbrio estéril de uma subjetividade coisificada, têm a conotação da negatividade, de um imediato, de um presente explosivo da continuidade informe e do gasto improdutivo, que fundam a seara do mal e do diabólico. Nessa esfera, a criação das formas, enquanto devir, não tem outra sina que o nada, a perda, o aniquilamento, o deleite do dispêndio gratuito e do excesso que nos liberta e nos devora.

Fazendo nossas as palavras desse pensador tão maldito quanto perturbador, a literatura nos põe em contato com as virtualidades insuspeitadas que a realidade coisificada interdita. Tal devir, como escreve Bataille, pode ser uma luz evanescente “essa luz que deslumbra, talvez, mas anuncia a opacidade da noite, não anuncia mais do que a noite”⁷⁹. Numa palavra, essa luz embriaga-nos com o ser em seu processo de perda dispendiosa, e não é mais do que a expressão da chaga que queima na intimidade de nossos corações. Os devires por ela abertos não são mais que avessos de colapsos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTBERGH, Frédéric. **Georges Bataille ou l'envers de la philosophie**. [s.l.]: Camion Blanc Éd., 2014.

BARTHES, Roland. **Aula**. Rio de Janeiro: Ed. Cultrix, 1977, p. 21.

BATAILLE, Georges. **A experiência interior**. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

BATAILLE, Georges. **A parte maldita**. Lisboa: Fim de século. Ed., 2005.

BATAILLE, Georges. La voluntad de lo imposible. In: **La felicidad, el erotismo y la literatura**. Ensayos 1944-1961. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2008.

BATAILLE, Georges. **La Souveraineté**. Paris: Nouvelles Éditions, Lignes, 2012.

BATAILLE, Georges. **Acephale**. Desterro: Cultura e Barbárie Editora, 2013.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2014.

BATAILLE, Georges. **As lágrimas de Eros**. Lisboa: Ed Sistema Solar, 2015.

⁷⁹ Bataille não se furta a reconhecer que seu pensamento aponta para tal devir: “Se fosse preciso me dar um lugar na história do pensamento, seria, acredito, por ter discernido os efeitos, em nossa vida humana do ‘desvanecimento do real discursivo’, e por ter tirado da descrição desses efeitos uma luz evanescente (...)”. BATAILLE, G. *A experiência interior*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, p. 253.

- BATAILLE, Georges. **Teoria da Religião**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015.
- BATAILLE, Georges. **O nascimento da arte**. Lisboa: Ed. Sistema Solar, 2015.
- BATAILLE, Georges. **O culpado**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.
- BATAILLE, Georges. **Documents**. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2018.
- BATAILLE, Georges. **A experiência interior**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2020.
- BERGSON, Henri. **O Pensamento movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CAMILO, Anderson Barbosa. **A economia das paixões**. Curitiba: Appris Editora, 2019.
- CHA, Jiyeon. **La trahison chez Geroges Bataille: l'homme souverain et la littérature**. Paris: Université Sorbonne Paris Cité, 2016. HAL id. <https://theses.hal.science>
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **A semelhança informe**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2015.
- FAULKNER, William. **Enquanto Agonizo**. Rio de Janeiro: Expansão Editorial, 1978.
- FAULKNER, William. **As I lay dying**. New Delhi: General Press, 2020.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.
- LALA, Marie-Christine. **Georges Bataille, Poète du réel**. Bern: Peter Lang, International Academic Publishers, 2010.
- MATTONI, Silvio. Prólogo: La lucidez y el deslumbramiento. In: BATAILLE, Georges. **La felicidad, el erotismo y la literatura**. Ensayos 1944-1961. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2008.
- TEIXEIRA, Vincent. **Georges Bataille, La part de l'art**. La peinture du non-savoir. Paris: Editions L'Harmattan, 1997.